

Queria estudar a vida, mas a vida ofereceu-me o ensino: (des)caminhos de uma identidade como professora-pesquisadora de Ciências¹

I wanted to study life, but life offered me teaching: (mis)direction of an identity as a teacher-researcher of Sciences

Patrícia Petitinga Silva

Universidade Federal da Bahia/Universidade Estadual de Feira de Santana
patpetitinga@yahoo.com.br

Gabriel Ribeiro

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
fta_gabrielribeiro@yahoo.com.br

Andréia Maria Pereira de Oliveira

Universidade Estadual de Feira de Santana/Universidade Federal da Bahia
ampodeinha@gmail.com

Resumo

À luz de perspectivas pós-modernas, o estudo busca discutir a polissemia que tensiona o conceito de identidade, fazendo pontes para entender a constituição identitária docente. Essa é uma pesquisa bibliográfica, do tipo exploratória, na modalidade teórica/textual. A identidade pode ser entendida como um processo contínuo de estar no mundo, e cada pessoa é capaz de assumir identidades distintas em diferentes momentos. Assim como a identidade do sujeito não é monolítica, a identidade docente também está relacionada com aspectos multifacetados que criam múltiplas identidades que se distanciam da noção de perfil ou papel profissional. A identidade dos professores, então, pode ser considerada uma combinação da sua biografia, das influências culturais e sociais e dos valores institucionais, podendo passar por mudanças conforme os papéis desempenhados e as circunstâncias.

Palavras chave: pós-modernismo, identidade, identidade docente

Abstract

From a postmodern perspective, the study seeks to discuss the polysemy which strains the concept of identity, making links to understand the identitary teacher constitution. This is a bibliographic search, the exploratory type, the theoretical/textual mode. The identity can be understood as a process of being in the world, and every person is able to accept different

¹ Esse texto integra parte da pesquisa que está sendo realizada no doutoramento da primeira autora.

identities at different times. As well as the subject's identity is not monolithic, the identity of the teacher is also related to the multifaceted aspects that create multiple identities that differ from the notion of profile or professional role. The identity of teachers, then, can be considered a combination of his biography, cultural and social influences and institutional values, and also can change as the roles played and the circumstances.

Key words: postmodernism, identity, teacher identity

Introdução

Como me tornei² uma professora que ensina Ciências? Não optei pela licenciatura como formação, pois a docência era minha última opção profissional. Fiz a escolha pelo bacharelado em Ciências Biológicas, pois queria estudar a vida, em toda a sua diversidade. Entretanto, as vagas remuneradas, para estágio, em laboratórios de pesquisa da universidade, eram muito restritas e, como precisa cuidar, também, do meu sustento, acabei estagiando, inicialmente, como professora, que ensina Ciências, na Educação Básica.

Depois de algum tempo no bacharelado, e com mais conhecimentos na área, comecei a estagiar em laboratórios de pesquisa vinculados ao curso, em paralelo à atuação como estagiária da Educação Básica. Desse modo, durante toda a graduação, me dividi entre pesquisadora da área de Biologia, recebendo bolsas de agências financiadoras, e, professora que ensina Ciências, na Educação Básica.

Ao longo dos anos, os saberes docentes, adquiridos da minha prática, foram sendo ressignificados, a partir da experiência, e me possibilitaram interagir com os estudantes e o conhecimento, constituindo-me uma professora que ensina Ciências. Então, reconheço-me como pesquisadora em Biologia ou como professora que ensina Ciências? Mas, será que preciso, necessariamente, optar por um único eu, autêntico e verdadeiro?

Essas inquietações despertaram, pois, o meu interesse em estudar a constituição identitária, em especial as identidades docentes, a partir de lentes pós-modernas. Mas, é possível definir identidade? O que é? Como surge? Luna e Baptista (2001) explicam que a identidade pode ser entendida a partir (1) do que está em nós, de como nos percebemos, da nossa autoimagem; (2) de como os outros nos percebem e (3) da nossa relação com os outros, o que percebemos sobre o que os outros percebem a nosso respeito.

Para compreender as identidades, na pós-modernidade, é preciso, antes, entender as novas configurações da modernidade. As metanarrativas, ou seja, as “[...] interpretações teóricas de larga escala pretensamente de aplicação universal [...]” (HARVEY, 2008. p. 19), como uma categoria eminentemente moderna, quando analisadas a partir das transformações por que passam as sociedades, atualmente, não se sustentam mais. A era pós-moderna ou, dito de outra forma, a modernidade avançada, vivenciou, então, a descentralização das metanarrativas e o reconhecimento de que não é possível dar todas as explicações, já que o conhecimento é situado, contingente (LYOTARD, 1991).

Na pós-modernidade, o eu autêntico e unificado foi desconstruído e presenciamos a diversidade de “eus” que têm o direito de falar por si mesmos usando suas próprias vozes, e de ter aceitas essas vozes como autênticas e legítimas. Vivemos, portanto, múltiplas

² O uso da primeira pessoa do singular significa que as experiências aqui narradas foram vividas pela primeira autora, entretanto, analisadas a partir do olhar dos três autores.

identidades criadas como resultado da interação entre nós mesmos e os diferentes contextos sócio-históricos e culturais que nos cercam.

Embora a ideia de identidade não seja nova nas Ciências Humanas, principalmente para a Psicologia e a Antropologia, ela veio à tona no final do século XX com o início dos debates em torno da pós-modernidade, tendo relevância tal para a compreensão do mundo de hoje que atingiu as salas de aula e a formação dos professores (SILVA; SILVA, 2009).

Ao lermos a afirmativa de que “o professor é a pessoa; e uma parte importante da pessoa é o professor”, Jennifer Nias, citada por Nóvoa (2000, p.15), nos convida à reflexão sobre identidade profissional docente. Entendemos que, ao falar em identidade docente, podemos defini-la, a partir de Giddens (2002) e Nóvoa (2000), como um processo de escolhas individuais por meio do qual o professor se constrói e reconstrói, criando maneiras de estar na profissão.

Este processo identitário “[...] caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz *professor*” (NÓVOA, 2000, p. 16, grifo do autor), ou seja, o professor é uma invenção de si. Com criatividade, cada individualidade pode descobrir sua singularidade e inscrever-se numa história coletiva por meio de uma invenção identitária que é o ato de dar sentido à vida. A identidade, então, só nos é revelada como algo a ser inventado, conquistado, criado, e não explorado ou descoberto (LARROSA, 2001; BAUMAN, 2005).

Diante das questões de pesquisa apresentadas, buscamos discutir a polissemia que tensiona o conceito de identidade, fazendo pontes para entender a constituição identitária docente. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, do tipo exploratória (GIL, 2002), na modalidade teórica/textual (CLINGAN, 2008). A produção de dados para o estudo foi baseada na literatura primária e secundária pertinente ao tema - livros e artigos científicos -, o que permitiu uma visão ampla dos fenômenos investigados.

Os dados produzidos, por meio da leitura da literatura, foram analisados com lentes metodológicas peculiares ao pós-modernismo, considerando diferentes teóricos e metodologias opostas. Como compreendemos que a pesquisa teórica é, em si, um método, não há uma seção de métodos neste trabalho (CLINGAN, 2008).

Desse modo, na seção intitulada *Identidade, identidades: um construto reivindicado*, temos a pretensão de explicitar a polissemia do conceito de identidade nas perspectivas da Filosofia, da Antropologia, da Psicologia e da Sociologia, inscrevendo-a no âmbito da abordagem pós-moderna. Na seção *Quem é você, professor?*, por sua vez, abordamos questões concernentes à constituição identitária docente e sua implicação para a formação de professores e professoras. Em *Afinal, onde (não) chegamos?*, apresentamos as considerações finais da pesquisa, retomando o que foi discutido nos capítulos anteriores com o propósito de responder ao objetivo da investigação.

Identidade, identidades: um construto reivindicado

A necessidade de estudar o conceito de identidade, para nós, pode ser explicada pelo grande momento de reflexividade que vivemos na pós-modernidade (MOITA LOPES, 2003), em que experienciamos a vida social por meio da criação de múltiplas identidades.

Etimologicamente, o termo identidade deriva do latim tardio, *identitas*, de idem: o mesmo, uma “relação de semelhança absoluta e completa entre duas coisas, possuindo as mesmas características essenciais, que são assim a mesma” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p.

136). Para os autores, a questão da identidade e da diferença é uma das questões mais centrais da metafísica clássica.

Abbagnano (2007), ainda na ótica da filosofia, distingue três definições fundamentais para o conceito³: (1) identidade como unidade de substância, definido por Aristóteles; (2) identidade como possibilidade de substituição, definido por Leibniz; (3) identidade como convenção, apresentada por Waismann.

Assim, até algumas décadas atrás, o conceito de identidade não era discutido, mas visto apenas como objeto de reflexões filosóficas (BAUMAN, 2005). No campo das Ciências Humanas e Sociais, por sua vez, é possível tanto referir-se à identidade individual como, também, à identidade coletiva, identidade social, identidade para si, identidade para o outro, identidade vivida ou identidade atribuída (DUBAR, 1997). Para Hall (2006), essa descentração dos sujeitos, tanto de seus lugares no mundo social e cultural, quanto de si mesmos, resulta numa “crise de identidade”.

Acerca dessa ideia de “crise de identidade”, Lopes (2007) conclui que é possível identificar os seguintes consensos: (1) a crise de identidade é uma crise estrutural; (2) apesar de ter sido visualizada, inicialmente, nas identidades individuais, a crise é das identidades coletivas tradicionais; (3) as novas identidades coletivas serão construídas por novas identidades individuais em cooperação; (4) as concepções de conhecimento – de si, dos outros e do mundo –, são o que se constrói de novo.

Dubar (1997), numa ótica sociológica, entende que a identidade é o resultado simultâneo da estabilidade e provisoriedade, da individualidade e coletividade, da subjetividade e objetividade, da biografia e estrutura dos processos de socialização e comunicação que, juntos, nos constituem. É uma identificação contingente que encarna uma dupla operação: diferenciação e generalização. A diferenciação define a singularidade de alguma coisa ou de alguém em relação à outra coisa ou alguém diferente. A identidade é, então, a diferença. A generalização é o ponto comum entre os elementos diferentes dentro de uma mesma classe e, portanto, a identidade é o pertencimento comum (DUBAR, 2009). Nessa perspectiva, não há identidade sem alteridade, pois só sabemos quem somos através do olhar do outro (DUBAR, 1997).

Hall (2006), por sua vez, analisando as mudanças da sociedade, numa perspectiva cultural, sistematiza três concepções muito diferentes de identidade. Para ele, o sujeito do Iluminismo era um indivíduo centrado, unificado, que mesmo que crescesse e se desenvolvesse, permanecia essencialmente o mesmo ao longo de sua existência. O sujeito sociológico, elaborado pelos interacionistas simbólicos, carrega a ideia de que a identidade é formada na interação do indivíduo com a sociedade, e o sujeito pós-moderno, concepção de identidade por nós defendida no trabalho, não tem uma identidade fixa, permanente, mas assume identidades diversas, contraditórias, associadas aos diferentes contextos por que passa em diferentes momentos ao longo de suas trajetórias de vida e profissional.

A identidade, de acordo com Bauman (2005), é um conceito contestado, e ele se aproxima de Hall ao entender que a identidade, na pós-modernidade, é aberta, fragmentada, tem caráter dinâmico e é estruturada de diversas maneiras, resultando em diferentes constituições identitárias que se modificam constantemente. Desse modo, é preciso “[...] considerar o devir da identidade como um trajeto sempre aberto à diferença, que *ressignifica constantemente as instâncias do autorreconhecimento*” (ARFUCH, 2010, p.126, grifo da autora).

³ Sobre essas três definições fundamentais para o conceito de identidade, consultar Abbagnano (2007, p. 528-529).

A perspectiva de identidade na pós-modernidade, apoiada por Hall, também se concilia com a ideia de identidade como produção e transformação ao longo do vivido, uma atividade diária de aprendizagem⁴ em que a pessoa se entende a partir de como vê a si mesma e de como é vista pelos outros (LAVE; WENGER, 1991).

A noção de identidade, encarnada por Wenger (1998), apresenta a ideia de “identidade situada na prática”, ou seja, não é possível pensar no indivíduo dissociado do ambiente sociocultural a que pertence. Desse modo, é possível que alguém que atue como professor e pesquisador seja identificado como um ou outro dependendo do contexto da atuação. Então, a pessoa percebe o modo como é identificada a partir da participação em práticas sociais e, assim, também atribui identidades sociais aos outros à medida que vai dando sentido ao seu mundo social (PAMPLONA; CARVALHO, 2009).

Num prisma da Psicologia Social, a identidade é uma metamorfose, uma transformação constante que resulta da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos (CIAMPA, 2005). Para o autor, as identidades podem ser entendidas como diferentes personagens atuando num processo de tensão ininterrupto com os papéis sociais pré-estabelecidos, transformando os sujeitos, ainda que, muitas vezes, as mudanças não sejam aparentes.

Assim, situando a identidade na pós-modernidade, cada pessoa é capaz de assumir identidades distintas em diferentes momentos, e estas identidades não são unificáveis ao redor de um eu coerente (HALL, 2006). Pelo contrário, “a identidade é construída, quer contra, quer a favor de algo” (LAWN, 2001, p.123). Ela é um processo contínuo de estar no mundo.

Quem é você professor?

Assim como a identidade do sujeito não é monolítica nem estável, a identidade docente também está relacionada e interage com aspectos multifacetados que criam múltiplas identidades vinculadas às contingências do contexto escolar (ENYEDY; GOLDBERG; WELSH, 2006; SILVA, 2007; PAMPLONA; CARVALHO, 2009).

Como a identidade docente está sujeita a transformações, ela não é um dado adquirido, não é uma propriedade nem um produto, mas sim um lugar de tensões e, por isso, é mais adequado falar em processo identitário docente (NÓVOA, 2000). Sobre essa ideia de processo, e considerando a perspectiva da “identidade situada na prática”, Pamplona e Carvalho (2009) nos explicam que

[...] a identidade do professor não é fixa, é um processo constante de adaptações à maneira de ser, estar e agir no interior da comunidade de prática que constitui, mas também é um processo constante de desconstrução e construção, de lutas e conflitos, de transformações. (PAMPLONA; CARVALHO, 2009, p. 230).

Assim, a participação dos professores e professoras, em comunidades de prática⁵, é, ao mesmo tempo, um tipo de ação e uma forma de pertencimento, configurando não somente o

⁴ De acordo com Lave e Wenger (1991), a aprendizagem é uma atividade situada, uma dimensão integral e inseparável da prática social. Nessa visão, aprender, pensar e saber são relações entre as pessoas em atividade no/com/em decorrência do mundo social e culturalmente estruturado.

⁵ Uma comunidade de prática é uma unidade em que três dimensões se articulam: objetivo comum, compromisso mútuo e repertório compartilhado pelos sujeitos que participam da prática que estrutura a comunidade (Wenger, 1998).

que fazem, mas também quem são e como interpretam o que fazem (WENGER, 1998). Silva (2007) explica que a experiência de ser reconhecido(a) pelos outros é um aspecto fundamental na construção da identidade docente, pois a identidade é mobilizada e explicitada no investimento da prática profissional, com a expectativa de reconhecimento pelos estudantes, colegas, diretores e outros membros da comunidade.

Como a identidade pode ser concebida como relacional, como uma “negociação de significado”⁶, pensamos, então, que a identidade docente é um processo marcado pela contingência, ou seja, em um momento assumimos uma vertente da nossa identidade e, em outros momentos, assumimos outras (PAMPLONA; CARVALHO, 2009). Por exemplo, na escola em que lecionamos, assumimos diferentes identidades para nos relacionarmos com os sujeitos do espaço escolar: estudantes, pais, diretor, coordenador, outros professores etc. Nesse sentido, entendemos que a constituição identitária distancia-se da noção de perfil ou papel profissional.

Tardif e Raymond (2000), ao contrário, ao defenderem a ideia de que ao longo do percurso profissional o professor vai dominando progressivamente os saberes necessários à realização do seu trabalho, por meio de um processo de estruturação do saber experiencial, nos remetem à noção de perfil profissional. Essa composição dos saberes docentes, proposta pelos autores, sugere que o professor vai se configurando numa determinada fôrma, até estar pronto para ser e exercer o magistério.

Para Machado (2007), nas abordagens atuais acerca da identidade, é preciso fazer uma distinção entre a identidade pessoal, cuja organização é mais durável, e as identidades sociais, que são diversas e construídas à medida que a pessoa participa na vida social, desempenhando diferentes papéis ao longo de sua trajetória biográfica. Entretanto, para a autora, tanto a identidade pessoal quanto as identidades sociais são identidades situadas, ou seja, se organizam numa situação que se torna, assim, o observatório para a compreensão do processo da construção identitária.

Argumentamos, desse modo, que os modelos de formação profissional docente devem considerar a história pessoal e a identidade posicional dos professores, definidas em termos dos múltiplos marcadores sociais (etnia, situação econômica, sexo, religião, idade), e, como esses marcadores influenciam as maneiras pelas quais os professores falam sobre o ensino e suas identidades docentes (MENSAH, 2012).

Podemos, então, concluir essa seção dizendo que a identidade docente não é algo fixo ou estático. Ela pode ser considerada uma combinação da biografia dos professores e professoras, das influências culturais e sociais e dos valores institucionais, podendo passar por mudanças conforme os papéis desempenhados e as circunstâncias (DAY, 2007).

Afinal, onde (não) chegamos?

Não é possível responder, prontamente, à pergunta “Onde chegamos?”. Talvez, como advertiram Lincoln e Denzin (2006), devido à riqueza e complexidade dos múltiplos “eus”, não tenhamos conseguido relatar plenamente o conceito de identidade e todas as implicações desse construto reivindicado. Talvez, porque fomos ressonantes com o paradigma da pós-modernidade, nos mantivemos contraditórios, ambíguos e contingentes.

⁶ Wenger (1998) utiliza o conceito de negociação de significado para caracterizar o processo pelo qual nós experimentamos o mundo e nosso compromisso nele como algo significativo. Para ele, viver é um processo constante de negociação de significado.

Consideramos, entretanto, que o eu pós-moderno é reflexivo, tem liberdade de escolhas, pode representar novos perfis e papéis e estabelecer novas relações. Por isso, defrontamo-nos com múltiplas vozes, histórias e memórias que ampliam a noção que temos de modos de vida e modificam nossa forma de compreender o outro.

Como explica Machado (2007),

É impossível analisar e compreender a identidade docente alheada da pessoa do professor, da sua historicidade subjectiva, ou seja, da sua história de vida, sem a perspectivarmos em tempos e lugares específicos (no núcleo interior de cada sujeito, no contexto do local e do global). (MACHADO, 2007, p.217).

Referências

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bossi e Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ARFUCH, L. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio de psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- CLINGAN, J. **An understanding of textual/theoretical research**. Arizona: Prescott College, 2008. (Research Methods and Methodologies Best Practices). Unpublished manuscript.
- DAY, C. A reforma da escola: profissionalismo e identidade dos professores em transição. In: FLORES, M. A.; VIANA, I. C. (Orgs.). **Profissionalismo Docente em Transição: as Identidades dos Professores em tempos de Mudança**. Braga: CIEEd, 2007, p. 47-64.
- DUBAR, C. **A crise das identidades**: A interpretação de uma mutação. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- _____. **A Socialização**: Construção das identidades sociais e profissionais. Tradução de Annette Pierrette R. Botelho e Estela Pinto Ribeiro Lamas. Porto: Porto Editora, 1997.
- ENYEDY, N.; GOLDBERG, J.; WELSH, K. M. Complex Dilemmas of Identity and Practice. **Science Education**, v. 90, n. 1, p. 68-93, 2006.
- GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2008.
- JAPIASSÚ, H. MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- LARROSA, J. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

- LAVE, J.; WENGER, E. **Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- LAWN, M. Os professores e a fabricação de identidades. **Currículo sem Fronteiras**, v. 1, n. 2, p. 117-130, jul./dez. 2001.
- LINCOLN, Y. S.; DENZIN, N. K. O sétimo momento: deixando o passado para trás. In: DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução de Sandra Regina Netz. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 389-406.
- LOPES, A. As identidades dos(as) professores(as) portugueses(as) em tempos de mudança: resultados de investigação no 1º CEB. In: FLORES, M. A.; VIANA, I. C. (Orgs.). **Profissionalismo Docente em Transição: as Identidades dos Professores em tempos de Mudança**. Braga: CIED, 2007, p. 83-92.
- LUNA, I. N.; BAPTISTA, L. C. Identidade profissional: prazer e sofrimento no mundo do trabalho. **Revista de Psicologia**, São Paulo, n. 12, p. 39-51, mai. 2001.
- LYOTARD, J. **La condición postmoderna: informe sobre el saber**. Traducción Mariano Antolín Rato. 2. ed. Buenos Aires: Red Editorial Iberoamericana, 1991.
- MACHADO, G. Ser professora/ser pessoa. In: FLORES, M. A.; VIANA, I. C. (Orgs.). **Profissionalismo Docente em Transição: as Identidades dos Professores em tempos de Mudança**. Braga: CIED, 2007, p. 215-224.
- MENSAH, F. M. Positional Identity as a lens for Connecting Elementary Preservice Teachers to Teaching in Urban Classrooms. In: VARELAS, M. (Ed.). **Identity Construction and Science Education Research: Learning, Teaching, and Being in Multiple Contexts**. Rotterdam: Sense Publishers, 2012, p. 105-121.
- MOITA LOPES, L. P. Socioconstrucionismo: discurso e identidade social. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003, p. 13-38.
- NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2000. p. 11-30.
- PAMPLONA, A. S.; CARVALHO, D. L. Comunidades de prática e conflitos de identidade na formação do professor de matemática que ensina estatística. In: FIORENTINI, D.; GRANDO, R. C. MISKULIN, R. G. S. (Orgs.). **Práticas de formação e de pesquisa de professores que ensinam matemática**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009. p. 211-231.
- SILVA, A. M. Ser professor(a): dinâmicas identitárias e desenvolvimento profissional. In: FLORES, M. A.; VIANA, I. C. (Orgs.). **Profissionalismo Docente em Transição: as Identidades dos Professores em tempos de Mudança**. Braga: CIED, 2007, p. 155-163.
- SILVA, K. V.; SILVA, M. H. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2009.
- TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, Campinas, ano XXI, n. 73, p. 209-244, dez. 2000.
- WENGER, E. **Communities of practice: Learning, meaning, and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.